

## ilustrada

## MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

## QUESTÃO DE TEMPO

Um novo estudo de cientistas da Fiocruz mostra a influência da idade na efetividade das principais vacinas usadas no Brasil. E revela os níveis de proteção que cada uma delas confere, especialmente à população que tem mais de 80 anos.

**NO ALTO** De acordo com o trabalho, a proteção é extremamente alta entre os mais jovens —no caso da Coronavac, ela é de 81,5% para óbitos depois da segunda dose entre os que têm entre 20 e 39 anos; no da AstraZeneca, de 97,9%.

**PRIMEIRA DOSE** O estudo analisou a efetividade da Pfizer apenas depois da primeira dose, já que foi feito entre janeiro e julho —e a segunda dose desta vacina ainda não tinha sido amplamente aplicada. Só a injeção inicial, no entanto, já conseguiu efetividade de 86,1% na prevenção de mortes entre os que têm entre 20 e 39 anos.

**NA MESMA** O alto nível de proteção das vacinas para óbitos se mantém na faixa dos 40 aos 59 anos. A coisa muda de figura quando a idade avança.

**RÉGUA** Entre os que têm entre 60 e 79 anos, a efetividade da Coronavac foi de 71,2% depois da segunda dose. A da AstraZeneca, de 89,5%.

**RÉGUA 2** Acima dos 80 anos, a efetividade da Coronavac caiu para 45%, e a da AstraZeneca baixou para 84,6%.

**TODO CUIDADO** “O estudo mostra que as vacinas têm alta efetividade em várias faixas etárias, mas ela se reduz significativamente para os que têm mais de 80, especialmente no caso da Coronavac, o que gera preocupação sobre os cuidados que devemos ter para essa faixa etária”, diz Daniel Villela, da Fiocruz.

**TABUADA** O Instituto Butantan afirma que submeteu o estudo também a cientistas da chinesa Sinovac, que desenvolveu a vacina. Eles ponderaram que a descrição da metodologia do trabalho é limitada, o que não permite saber os padrões estatísticos adotados por ele.

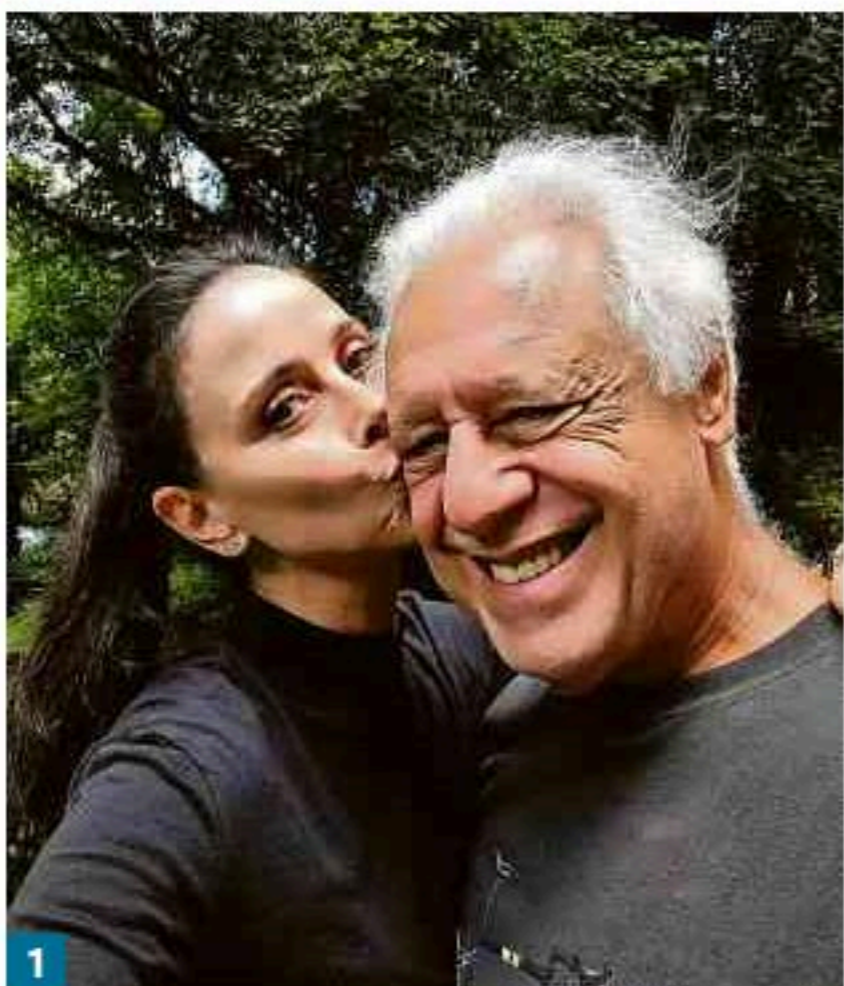
**ALHO E BUGALHO** A instituição afirma ainda que não é correto comparar vacinas. E que o prazo de aplicação delas faz toda a diferença quando se analisa a resposta ao imunizante.

**INTERVALO** No caso da Coronavac, o intervalo entre a primeira e a segunda dose é de um mês, e os idosos completaram a imunização há mais tempo do que aqueles que receberam a vacina da AstraZeneca, cujo intervalo entre as doses é de três meses.

**INTERVALO 2** Isso faria toda a diferença já que estudos mostram que, com o tempo, a resposta do organismo à vacina pode cair, especialmente entre os mais velhos.

**FONE** O Grupo Galpão estreará na Rádio Cultura FM a série radiofônica “Quer Ver Escuta”. A obra convidará o ouvinte a adentrar histórias e situações por meio de sons, ruídos, músicas, palavras e silêncios. O projeto tem direção de Marcelo Castro e Vinícius de Souza e vai ao ar entre os dias 20 e 26, no 103,3 MHz.

## NAS REDES



1 @antoniofagundes no Instagram



2 @zezebarbosa\_oficial no Instagram



3 @ana\_canas no Instagram

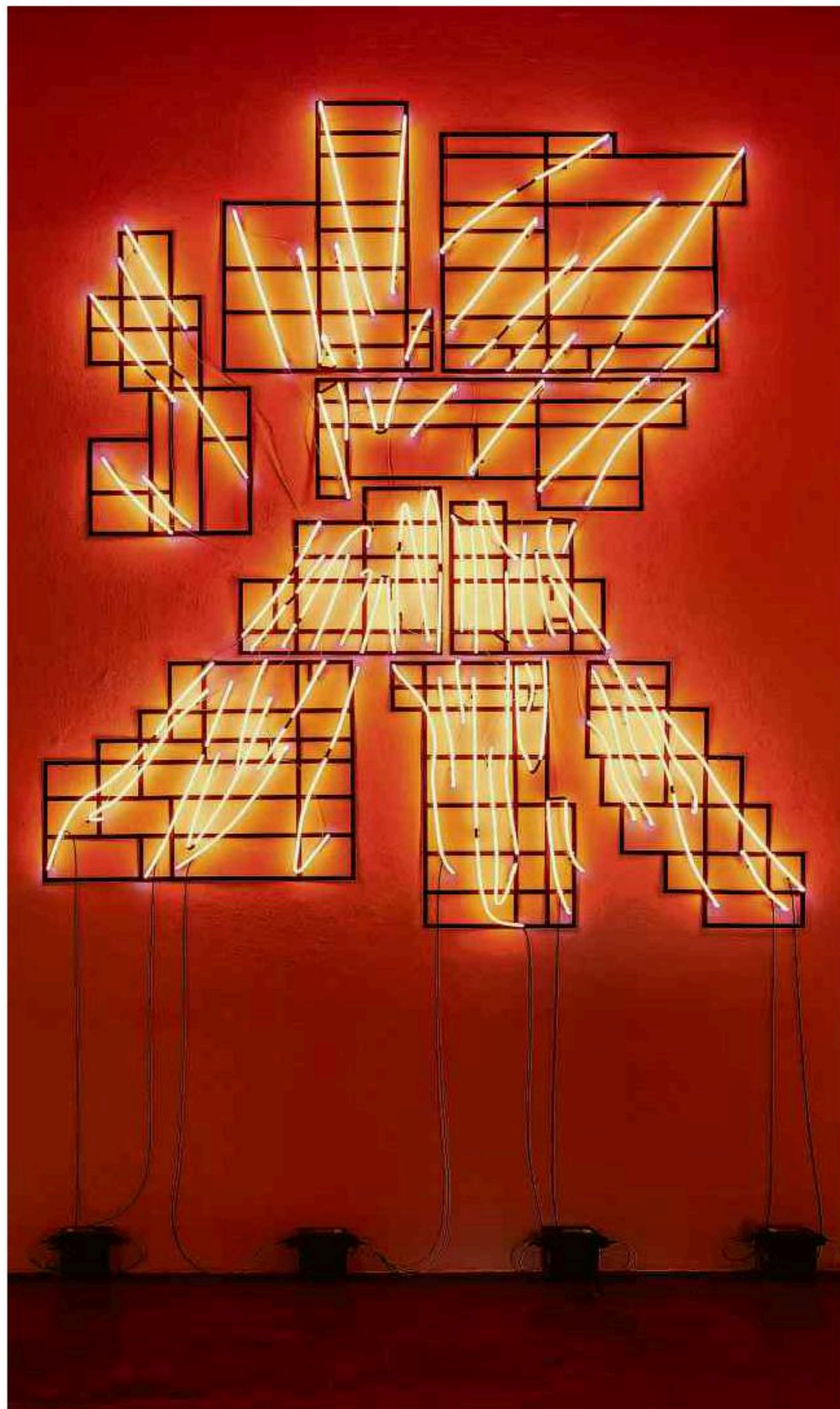
O ator Antonio Fagundes 1 fez uma selfie com sua companheira, a também atriz Alexandra Martins. “Por aqui, seguimos trabalhando!”, escreveu a atriz Zeze Barbosa 2. A cantora Ana Cañas 3 celebrou seus 41 anos

ALÔ A Sociedade Amigos da Cinemateca (SAC) está entrando em contato com antigos funcionários da Cinemateca Brasileira. A ideia é que eles sejam recontratados assim que a entidade assumir temporariamente os serviços técnicos emergenciais da instituição. O contrato que firma a parceria da SAC com a Secretaria Especial da Cultura do governo federal para esse propósito deve ser assinado em breve.

VOZ A cantora Simone Bittencourt prepara seu primeiro álbum após oito anos longe dos estúdios. Cigarra, como é conhecida, iniciará nesta semana os trabalhos para um disco de repertório inédito.

VOZ 2 A obra deve ser lançada no início de 2022, pela gravadora Biscoito Fino, e sucederá “É Melhor Ser”, de 2013. Com a pandemia da Covid-19, Simone se dedicou a lives nas redes sociais e chegou a fazer 37 apresentações.

DE OLHO Lideranças na Assembleia Legislativa de São Paulo têm se mostrado favoráveis à implantação de uma frente parlamentar em defesa dos movimentos sociais e liberdades democráticas naquela Casa. A proposta, feita pelo deputado Raul Marcelo (PSOL), teria como objetivo promover ações por parte de instituições estaduais para acompanhar violações de direitos de cidadãos organizados em entidades civis.



'Fonte Luminosa', de Carmela Gross, na mostra 'Fendas, Fagulhas' Filipe Berndt/Divulgação

## Boca do inferno

Continuação da pág. C1

Materiais urbanos e brutos, como colchão, lonas e barril, constituem essas três peças que, apesar de independentes, denunciavam o regime ditatorial como conjunto.

O grande colchão, “Presunto”, lembra no nome as mortes de torturados, que tinham seus corpos jogados em acostamentos. “Barril”, formado pelo objeto de mesmo nome comum nas cidades, ganha outras conotações nesse contexto repressivo, já que barris cheios d’água eram usados como instrumento de tortura.

“Isso já era depois do AI-5, que trouxe restrições, mortes, prisões e todo um conjunto de coisas muito violentas”, diz Gross, sobre o contexto da primeira montagem das três obras. “Eu era jovem e absorvia isso um pouco pelos cantos, porque não tinha plena consciência, mesmo porque isso era uma atividade secreta, do Exército, das mortes, da luta armada.”

Se hoje debatemos todo dia a ameaça autoritária do governo Bolsonaro, Carmela Gross recorda que aquele não era um momento em que o acesso às informações era simples. Sem telefone em casa, sem ter a quem perguntar sobre o que estava acontecendo, o clima, segundo ela, era rarefeito.

Enquanto perdia contato com amigos que iam para a luta armada, ou via universidades sendo desmanteladas, Gross participou do concurso para o pavilhão do Brasil na Exposição Universal do Japão de 1970 como parte da equipe de Paulo Mendes da Rocha e dava aula de desenho todo domingo para crianças na Biblioteca Mário de Andrade.

“A multiplicidade de acontecimentos e da vivência deles formam um cenário que não é um samba de uma nota só”, diz a artista paulistana.

Essas oficinas de desenho com outros colegas, aliás, são retomadas num artigo do crítico Paulo Miyada num livro sobre Gross, publicado pela editora Cobogó, também como uma atividade elementar no regime em que se vivia.

“Em um contexto de ditadura, em que a possibilidade de construção a partir das autonomias das inteligências dos sujeitos parecia cada vez mais remota, é significativo que esses jovens tenham escolhido acreditar que o desenho poderia se constituir como ferramenta emancipadora”, escreve Miyada.

Hoje com 75 anos, Gross vê paralelos entre a carga autoritária do Brasil dos anos 1970 e o país de hoje. “De novo a gente vê aflorar todo o autoritarismo, todas as arbitrariedades desse governo, toda a parte muito pesada de apagar os artistas, a cena cultural, o jornalismo, todos os focos de informação, de entendimento e de troca”, diz ela.

A atmosfera rarefeita, cheia de ocultações, também está em “Carga”, a terceira das obras remontadas nesta Bienal. Na instalação, lonas pesadas lembram estruturas de tendas informais que se veem pela cidade, mas escondem um volume incerto. “Para mim, elas eram essas cabanas que os operários montavam na rua para fazer consertos e ali se trocavam, comiam. Ou uma carga que fica na calçada esperando o dia seguinte para ir buscar”, afirma.

São peças que, de certo modo, reproduzem o que estava acontecendo nas ruas também como esse grande canteiro de obras, que atravessa todo o trabalho de Gross. “A rua é esse lugar político, dos acontecimentos sociais. É o lugar dos encontros, das restrições, das grandes lutas e embates sociais”, afirma.

É para as ruas que se volta, por exemplo, “Vulcão”, obra na empena cega do MAM do Rio com quatro por seis metros, formada por fitas de luzes amarelas e vermelhas.

Na Vermelha, “Fonte Luminosa” também remonta essa erupção com néon — lâmpadas que a própria artista disse, em entrevista publicada no mesmo livro da Cobogó, virem acompanhadas “das condições mais degradadas da vida na cidade”.

Nesse retorno ainda incerto ao espaço público como lugar de convivência, e nessa escada autoritária do governo, a artista acredita que há uma retomada de um comentário mais contundente do contexto social e político nas artes.

Na Bienal, por exemplo, uma série de artistas retoma o passado brasileiro para mostrar como o país não avança ou se vale de outras culturas, como a dos povos originários, para pensar em alternativas para o fim do mundo. Várias dessas peças, inclusive, estão na ala das monotipias de Gross que se organizam em torno do meteorito que sobreviveu ao incêndio do Museu Nacional.

“Toda vez que você tem um embate com a situação política tão grande quanto o que a gente vive, a arte adquire forças até para partir das cinzas, renascer e repropor o combate.”

Leia mais na pág. C9

Fendas, Fagulhas

Galeria Vermelha - r. Minas Gerais, 350, São Paulo. Sex. (17), das 10h às 19h. Sáb. (18), das 11h às 17h. Grátis

34ª Bienal de São Paulo

Pavilhão da Bienal, av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, pq. Ibirapuera, portão 3. Ter., qua., sex. e dom., das 10h às 19h. Qui. e sáb., das 10h às 21h. Até 5/12. Grátis

Vulcão

Área externa do MAM do Rio - av. Infante Dom Henrique, 85, Rio de Janeiro. Até novembro